

FRANCA



simpósio dos professores  
universitários de história

3 · 7 DE NOVEMBRO, 1965

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS  
DE FRANCA.

Associação dos Professores Universitários de História.

ANAIS .

FRANCA

1966

## O ARTESANATO, A MANUFATURA E A INDÚSTRIA EM DELOS HELENÍSTICA.

Ulpiano T. Bezerra de Meneses (\*).

### 1). — Premissas: a produção industrial na época helenística.

A desagregação da polis grega provocou, lógicamente, a ruptura do circuito fechado de economia que ela se propusera. No mundo nôvo que se formava com Alexandre, em escala universal, não poderia manter-se uma autarcia política, cultural e econômica como a da cidade-estado. O aparecimento de novas relações econômicas, a abertura de novos mercados, a concentração urbana, o número crescente de comerciantes e artesãos, trouxeram um abalo à economia da Grécia peninsular, cujas cidades tradicionais não estavam aparelhadas para as mudanças necessárias (1). Novas cidades surgem no eixo que se desloca para Leste, quer remodelando antigas implantações urbanas, como Éfeso, quer criando pontos de articulação e terminais de estradas (Antioquia, Alexandria), quer escalas para caravanas (Selêucia, Dura-Europos). A própria configuração urbana desses novos aglomerados reflete a adaptação às condições de comunicação entre os centros de negócio e as vias de saída, espécies que se introduziam: divisão de setores, facilidades de socialização comercial da ágora, em detrimento de suas funções políticas, religiosas e culturais, abandono da acrópole e proteção militar estendida a todo o perímetro urbano, etc. (2).

A essas mudanças e a esse desenvolvimento cada vez mais ativo do comércio não corresponde nenhuma novidade essencial no setor da produção, seja agrícola, seja industrial, menos

(\*) — Professor de Arqueologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

(1). — Para o estudo da vida econômica na época helenística continua de leitura obrigatória M. Rostovtzeff, *The social and economic history of the hellenistic world*. Oxford, 1953. Ver ainda, mais recente, F. Bourriot, "La Grèce — le travail à l'époque hellénistique", em L. — H. Parias, *Histoire générale du travail*, Paris, I, 1963, pp. 223-259, com útil bibliografia a pp. 381-383.

(2). — Ver A. Giuliano, *La città greca*. Roma. 1961; R. Martin, *L'urbanisme dans la Grèce antique*. Paris. 1956.

ainda na técnica de produção. Tempo houve em que historiadores como E. Meyer, K. J. Beloch e Schwahn procuraram fazer aceitar a existência, na Grécia, especialmente a partir da época helenística, de uma verdadeira indústria de tipo manufatureiro, de estrutura capitalista e produzindo em quantidade suficiente para exportação. Já está suficientemente demonstrado, porém, que, além de ignorar por completo a documentação arqueológica, tais hipóteses se valeram abusivamente de alguns textos antigos (3). O certo é que nunca se atingiu, na Grécia, por deficiência no progresso técnico, uma estágio manufatureiro avançado. “Indústria” e “industrial” são termos que só devem ser empregados feito o desconto pelo anacronismo.

Não deixa de causar estranheza, à primeira vista, o descaso na aplicação prática de uma série de invenções técnicas devidas a sábios como Ctesíbios, Fílon de Bizâncio, Heron de Alexandria e, o mais genial, Arquimedes. É certo que o desprezo a que o pensamento grego relegava o trabalho manual impediu que a máquina fôsse posta a serviço do homem. Diversas razões mais concorreram, também na mesma direção. F. Bourriot (4) reuniu o seguinte elenco: uma produção em massa não teria saída num mercado cuja capacidade de absorção era ainda limitada; os escravos constituíam uma força motriz simples e pouco dispendiosa; as primeiras máquinas forçosamente devem ter sido delicadas e imperfeitas para rivalizar com o trabalho humano; exigência, para que a mecanização pudesse desenvolver-se, de várias condições que nunca se manifestaram plenamente na Grécia, nem mesmo após Alexandre: força motriz potente, materiais resistentes, espaços suficientemente disponíveis para instalações de fábricas e oficinas, capitais abundantes.

## 2). — Delos helenística.

Delos é exemplo significativo de cidade que apresenta, ao lado de um comércio intensíssimo e de alta complexidade, uma atividade manufatureira e um artesanato de nível primário.

A ilha foi habitada desde o III milenário a.C. (5). Entretanto, só começou a ter certa expressão a partir da época mi-

(3). — Ver E. Will, “Trois quarts de siècle de recherches sur l'économie grecque antique”, em *Annales — Economies, Sociétés, Civilisations*, IX, 1954, pp. 7 ss. e “Archéologie et histoire économique” em *Études d'archéologie classique, Annales de l'Est I*. Paris. 1958, pp. 20 ss.

(4). — *Loc. cit.*, p. 227.

(5). — Em J. Ducat — Ph. Bruneau, *Guide de Délos*. Paris. 1965, se encontrará excelente e prática suma de conhecimentos sobre a ilha, com uma condensação dos resultados da pesquisa arqueológica e atualizada bibliografia.

cênica, com a instalação de um culto em torno do qual se desenvolve o santuário que, na época arcaica (séculos VII, VI a.C.) atinge nível comparável ao de santuários pan-helênicos, como Delfos e Olímpia. A existência de um santuário importante, porém, não implicou no desenvolvimento de um núcleo urbano de monta. Os restos arqueológicos indicam que até o século II a.C. as proporções da cidade propriamente dita eram bastante reduzidas. Somente a partir de 166, quando, por intervenção do Senado romano, a ilha cai sob domínio ateniense, é que toma fôlego a cidade (6). Declarada então pôrto franco, Delos arruína, por isso, o pôrto de Rodes, adversário incômodo dos romanos. Pouco após, com a destruição de Corinto em 146, Delos assume a primazia como escala obrigatória nas rotas comerciais que abriam o Mediterrâneo oriental ao avanço romano. Transforma-se, então, em brevíssimo tempo, num dos mais importantes entrepostos comerciais da Antigüidade, “empório comum dos helenos”, como diria Pausânias (7). Os vestígios trazidos à luz pela Arqueologia são eloqüentes: aperfeiçoadas instalações portuárias, com quase 2 km de cais e armazéns, inúmeros bairros de habitação (8), cinco ágoras e vários outros edifícios destinados ao exercício do comércio, bancos, bolsa de valores, hotéis, pórticos, santuários, ginásio, palestras, teatro etc., etc. A esfuziante atividade comercial é a única que conta: a agricultura é primitiva e limitada por condições locais; a atividade industrial e artesanal, insignificante e orientada para o consumo interno. Apesar disso, merece esta última bastante atenção, mormente por se referir a um quadro urbano que a Arqueologia pôde bem recompor e que, além disso, se completa com um número apreciável de valiosas inscrições (9).

---

(6). — Para o período que vai de 166 às catástrofes de 88 e 69 a.C., que marcam o fim de sua importância como pôrto (2a. dominação ateniense), é fundamental P. Roussel., *Délos, colonie athénienne*. Paris. 1916.

(7). — III, 23, 3; VIII, 33, 2.

(8). — A população subiu logo para 25.000 almas, segundo cálculos de J. Tréheux, *Bulletin de correspondance hellénique*, 76, 1952, p. 582, o que representa cifra elevada na Antigüidade, ainda mais em Delos, dada sua exigüidade, 5 km de comprimento e largura máxima de 1,3 km.

(9). — Importante repositório de informações e referências sobre a atividade industrial e artesanal em Delos é o cap. V de W. Déonna, *La vie privée des déliens*, Paris, 1948, que serve de introdução (embora publicado posteriormente) ao seu “*Le mobilier délien*”, em *Exploration archéologique de Délos*, fascículo XVIII. Paris. 1938. Fique claro, desde já, que, a rigor, dever-se-ia falar apenas de artesanato, em Delos. Manufatura e principalmente indústria, bem como os adjetivos correspondentes, são usados por aproximação, apenas.

### 3. — Localização da atividade “industrial” e artesanal em Delos.

Uma primeira indagação consiste em localizar, no tecido urbano, tal atividade.

Algumas cidades gregas apresentavam bairros que se poderiam chamar, a rigor, “industriais”. Assim, em Atenas, o Cerâmico e o bairro vizinho ao Areópago. Corinto também tinha o seu Cerâmico, afastado do centro, próximo das jazidas de argila. Não é possível ver-se nêle, como já foi tentado, o germe de verdadeiros “arrabaldes industriais” (10).

Delos não conta com bairros especializados em determinadas atividades ou típicos de determinado nível econômico e social, etnias, etc. Há uma grande uniformidade de construção e homogeneidade de tipos. Cidade-cogumelo, desenvolveu-se a esmo, sem norma, adaptando-se às irregularidades do terreno, gerando meandros complicados de ruas e ruelas, formando com as casas de habitação blocos irregulares, por entre os quais se implantavam os edifícios e espaços de uso público.

A farta documentação epigráfica, tão completa a outros títulos, é infelizmente lacunosa quanto aos *εργαστήρια* (locais de trabalho, *atelier*, oficina) existentes em Delos. E os poucos mencionados não vêm acompanhados de indicação topográfica.

As escavações, por sua vez, revelaram traços de atividade “industrial” disseminados por toda a cidade. Nada há, todavia, que tipifique os locais onde ela se exercia. Faltam insígnias, tão comuns em Pompéia, por exemplo (11). Trata-se, na maior parte das vezes, de peças de casas privadas ou de edifícios pertencentes ao santuário e que eram sumariamente transformadas em local de trabalho. Com frequência tal adaptação se deu num momento de abandono do prédio. E’ o que aconteceu na “Casa de Dioniso”, onde os fornos de tijolo revelam fase posterior à primeira ocupação da casa. Também na “Casa dos Comediantes” a oficina de tinturaria só foi instalada depois que os habitantes se retiraram da moradia.

Por isso mesmo é às vezes extremamente difícil distinguir, com referência a certos documentos, o uso industrial do uso doméstico. As instalações de uma sala na casa N do Bairro do Teatro, Insula III, já foram interpretadas quer como curtume,

---

(10). — No Cerâmico de Corinto, E. Will, “Archéologie et histoire économique”, loc. cit. p. 154, nada mais vê do que algo semelhante a um souk árabe.

(11). — Cf. A. Maiuri. Pompei. Roma, 1956, p. 77.

quer como sala de banho (12). Certos engenhos, por suas dimensões, exigiam tração animal e se destinavam a moer o trigo para padarias (13); outras vezes, contudo, o tamanho não caracteriza a natureza exata do trabalho.

Alguns edifícios de uso público tiveram também salas aproveitadas para instalação de oficinas. Na Agora dos Italianos há pelo menos duas oficinas de marmorista e uma de coroplasta.

#### 4). — Os produtos da manufatura, indústria e artesanato em Delos.

Plínio (14) e Cícero (15) testemunham a voga que teve o bronze de Delos (*aes deliacum*), especialmente os móveis de bronze (*supellex deliaca*) na Antigüidade. Nada indica, entretanto, que se trate de produção local. A atividade de toreutas e a existência de *καλΧωία* (forjas de bronze ou oficinas onde se trabalhava o bronze) é atestada na ilha (16), mas corresponde ao uso interno, apenas. Parece provável, de outro lado, que a maioria das forjas identificadas somente funcionaram após o início do século I a.C., época da saques e catástrofes, para aproveitar o bronze abandonado nas ruínas (17). Assim, é quase certo que o renome de Delos, no caso, seja mais uma vez outra referência ao seu importante comércio e não à sua indústria. Igual observação vale, também, para perfumes e unguentos de proveniência “deliana” (18): Delos serviu, aqui também, como escala costumeira para os produtos orientais que se destinavam ao mundo romano.

Entreposto e não centro de produção e exportação: assim, o artesanato, a manufatura e a “indústria” em Delos helenística se limitavam a atender às necessidades locais. Marceneiros, fabricantes de tapetes, sapatos, flautas, objetos de osso, tecelões, tintureiros, pisoeiros, padeiros etc., tiveram sua presença registrada pelas inscrições ou por vestígios do seu trabalho. Ainda assim, até para atender ao consumo interno, Delos precisava recorrer a fornecimentos do exterior. A cerâmica, por

(12). — Cf. J. Chamonard, “Le quartier du théâtre”, em *Exploration archéologique de Délos*, fasc. VIII-I. Paris. 1922, pp. 43-44.

(13). — Cf. W. Déonna, *op. cit.*, p. 57.

(14). — H. N., XXXIV, 8, 10.

(15). — Verrinas, II, 83, 176; IV, 1; *Pro Roscio Amerino*, 133.

(16). — Ver Déonna, *op. cit.*, pp. 75 ss. Outras referências sobre a metalurgia: *ib.*, pp. 78 e 79.

(17). — Déonna, *op. cit.*, pp. 76 e 195.

(18). — Plínio, H. N., XIII, 4.

exemplo, mesmo os vasilhames de uso comum era quase toda importada, não estando ainda suficientemente caracterizada a produção local (19). Acreditou-se que certos fogões e rescaldos de terracota fossem fabricados em Delos, hipótese hoje afastada (20). Assim, também, a abundante soma de estatuetas de terracota (algumas matrizes, entretanto, foram descobertas) (21) e lamparinas (há apenas um tipo deliano) (22).

A existência de um santuário exigia consideráveis cuidados de manutenção, embelezamento e ampliação. Como as despesas fossem consignadas em atas e inventários pelos hieropes (administradores do santuário), chegaram até nós preciosas e variadas informações epigráficas sobre o trabalho de operários e artesãos, e bem assim o de arquitetos, pintores e escultores. Seu concurso foi freqüentemente solicitado, embora o desenvolvimento da cidade e os interesses privados também lhes convocassem o serviço. Algumas destas atividades, aliás, tinham pouca aplicação fora do santuário, como a dos douradores de estátuas, móveis e ofertas votivas, ou a dos lapicidas.

#### 5). — A atividade artística e a situação do artista.

A atividade artística deve ser considerada obrigatoriamente dentro dos quadros da atividade artesanal. Com efeito, escultor, pintor e arquiteto não passavam, aos olhos dos gregos, de um *βάναυδος*, artífice, trabalhador manual, cuja relação com a comunidade se processava semelhantemente à que existe entre o servo e seu senhor. E' bem verdade que a profissão de arquiteto gozava de certa consideração, em virtude mesmo da formação que exigia conhecimento de disciplinas como a geometria, catalogada entre as "artes liberais" — as que podiam ser exercidas por cidadãos, homens livres (23). Verdade também é que, segundo Plínio (24), a partir do século IV, com a

(19). — P. Roussel, op. cit., p. 30, n. 1; Cf. Perdrizet, *Terres cuites grecques d'Egypte*, p. 86.

(20). — Ch. Le Roy, *Bulletin de correspondance hellénique* 85, 1961, pp. 474-500.

(21). — A. Laumonier, "La céramique à reliefs" em *Exploration archéologique de Délos*, fascículo XXVII, no prelo.

(22). — Ph. Bruneau, "Les lampes", em *Exploration archéologique de Délos*, fascículo XXVI, Paris, 1965.

(23). — No século III a.C., por exemplo, o salário de um arquiteto em Delos variava entre 2 e 3 dracmas por dia de trabalho; ora, em princípios do século seguinte, apesar da inflação, os operários em geral não iam além de 2 dracmas (2,5 para um pedreiro ou carpinteiro, mas 1,5 para um rebocador): na mesma época, por volta de 190, o medimno de trigo (51,84 litros) custava de 9 a 10 dracmas. Ver G. Glotz, "Les salaires à Délos", em *Journal des Savants*, 1913, pp. 206 e 307.

(24). — H. N., XXXV, 77.

criação da Academia de Pintura de Pânfilo, o desenho passou a constituir elemento essencial da **paideia** grega.

As informações que temos sôbre os salários de artistas confirmam os demais textos em que transparece o desprezo absoluto pelo criador, mesmo quando existe uma grande admiração pela obra criada. Um conhecido texto de Plutarco (25) repete uma posição clássica a respeito:

“Nunca até hoje, diante do Zeus de Olímpia ou da Hera de Argos (obras primas de Fídias e Policleto), despertou num jovem nobre e bem dotado o desejo de tornar-se êle também um Fídias ou um Policleto... Uma obra de arte pode deleitar pela sua beleza, o que não significa que necessariamente seu criador mereça nossa estima”.

“Demiurgo da verdade” — tal definição só poderia ocorrer tardiamente, já em plena época romana (26). Entretanto, já a época helenística propiciara os primeiros passos em direção à descoberta do valor da personalidade do artista e do caráter **poiético**, criador, de sua **techne**. A mudança gradual se deve em grande parte a uma nova relação entre o artista e o consumidor, que se processa a partir dos diádocos: a arte já não é mais uma manifestação da **polis** e sim um meio de afirmação dos soberanos helenísticos e suas côrtes. Daí a valorização do produtor (27). Extremamente característica é a atitude de uma dinastia como a dos atálicas, por exemplo, que se fez notar no mundo helenístico pela prodigalidade com que esparziu por tôda a Grécia pórticos, estátuas, pinturas — política artística exuberante e insistente, reveladora talvez de uma consciência pesada e do desejo de garantir, para uma nação micrasiática ainda no bérço, foros de cidadania cultural em paridade com a Península (28). Por outro lado, a freqüentação da arte tornou-se um meio de classificação social, de que fazia largo uso a classe comerciante em franca ascensão. E' indispensável notar, entre-

(25). — Vida de Péricles. 2.

(26). — Calístrato (século III d.C.), Stas. 2 e 3.

(27). — Esta evolução está bem caracterizada por R. Bianchi-Bandinelli, “L'artista nell'antichità classica”, em *Archeologia e Cultura*, Milão, 1961 pp. 60 ss. Para a discussão de outros aspectos do problema, ver B. Schweitzer, “Der bildende Künstler und der Begriff des Künstlerischen in der Antike”, em *Neue Heidelberger Jahrbücher*, 1925, pp. 28 ass.; A. Hauser, *The social history of art*. I. Londres. 1951.

(28). — As origens do Principado de Pérgamo não são das mais edificantes: prendem-se à traição de Filetairo, comandante de uma importante fortaleza e guardião do tesouro de Lisímaco, soberano da Trácia. Cf. E. V. Hansen, *The Attalids of Pergamon*. Nova Iorque. 1947; A. Schober, *Die Kunst von Pergamon*, Viena, 1951.



tanto, que ao mesmo tempo em que se começa a fazer justiça à individualidade do artista e à natureza do seu trabalho, a ampliação do mercado artístico e a formação de um gosto de raízes recentes — e que, por isso mesmo, buscava a segurança do já consagrado pela tradição — impõem o aparecimento de um corpo cada vez mais vasto de meros artesãos incumbidos da cópia e adaptação de obras antigas. Máquinas de copiar já estavam em uso espalhado por escultores do final do século II a.C. (29).

Delos oferece excelente oportunidade para caracterizar essas novas perspectivas na produção da arte.

Apesar do número elevadíssimo de esculturas que aí nos legou a época helenística, muito poucas têm valor artístico (30). A epigrafia nos revela uma longa lista de escultores que trabalharam então na ilha: tirante Bôetos de Calcedônia, nenhum é artista de renome (31). A heterogeneidade do ponto de vista estilístico também deve ser notada, especialmente nos documentos — os mais numerosos — que se situam entre a segunda metade do século II e princípios do século I a.C.

A pintura é ainda mais precisa nas informações que oferece (32). A atividade dos pintores foi sempre intensa em Delos. O santuário já devia ter ocupado bom número de artesãos que decoravam membros arquitetônicos de monumentos religiosos, estátuas, placas votivas, estatuetas de terracota, móveis, vasos etc. Mas as necessidades privadas, com a expansão urbana, criaram-lhe ainda mais amplas oportunidades de trabalho: além da pintura de altares domésticos, grande importância tinha a decoração das paredes das casas de habitação. Muito frequentemente a decoração mural comportava um complicado esquema que imitava, no interior das salas principais (*oikoi*), um aparelho externo de arquitetura. Interrompendo o esquema, a meia altura, poderia ocorrer uma frisa, dividida ou não em painéis, ornada de pinturas figuradas. Nestas, por oposição à pintura dos altares domésticos, de fundo essencialmente popular, nota-se a intenção clara de fazer pintura “erudita”. O mais completo

---

(29). — Para o problema das cópias e adaptações na arte greco-romana, bem como de suas técnicas, ver os capítulos III-V de G. M. A. Richter, *Ancient Italy*. Ann Arbor. 1955. Ver ainda, C. Blümel, *Griechische Bildhauerarbeit*, 1927.

(30). — Ver Ducat-Bruneau, *op. cit.*, pp. 46 ss.

(31). — J. Marcadé, *Récueil des signatures de sculpteurs grecs*, 2ème. livraison. Paris. 1957, compilou os nomes de todos aqueles que trabalharam em Delos.

(32). — Ver Ulplano T. Bezerra de Meneses, “La peinture”, em Bruneau-Ducat, *op. cit.*, pp. 55 ss.

conjunto de pinturas figuradas é o que escavações recentes trouxeram ao dia na “Casa dos Comediantes” (33): os painéis reproduzem cenas inspiradas na Tragédia e na Comédia Nova. Embora sejam evidentemente produto de meros artesãos (são pelo menos dois, aqui), trata-se de obras que derivam diretamente da pintura do século IV a.C., século que assinala sua afirmação plena na Grécia. E’ aliás essa pintura do século IV que alimenta tôda a pintura neo-clássica grega e, por seu intermédio, a pintura romana:

“... mas com Aécio, Nicômaco, Protógenes, Apeles, tudo chega à perfeição absoluta” (34).

Várias outras pinturas de casas delianas derivam também da mesma fonte de modelos. O gôsto de seus autores não desmente o da época e se ajustaria, certamente, ao gôsto presumido dos proprietários das casas, ricos comerciantes. Mesmo em casos menos explícitos, sente-se a presença de um modelo nas incoerências que denunciam a imitação de um original que não foi inteiramente assimilado ou ao qual o imitador quis acrescentar complementos de sua própria inspiração. Outras vêzes, ainda, certos temas introduzidos na época clássica vão-se pouco a pouco esvaziando de um sentido primitivo para se transformarem em simples motivos decorativos, catalogados na época. O intelectualismo e refinamento preciosístico com que são desenvolvidos alguns dêstes temas assinalam a formação de cadernos de modelos que devem ter sido comuns do academismo que transfere para a época clássica, cristalizadas, as possibilidades supremas da pintura grega — um dos aspectos mais significativos, também, das compensações culturais que uma civilização então vulnerável na sua presença política (e, em vastas áreas, também econômica), buscava num passado respeitado e inalienável. São também freqüentes, finalmente, paralelos à influência neo-clássica, traços “modernos”, sobretudo na técnica, o que mostra como certas conquistas da grande pintura na Grécia se tinham tornado aquisição definitiva e incorporado ao próprio patrimônio artesanal. Tal

---

(33). — Ulpiano T. Bezerra de Meneses, “La décoration murale”, em *Exploration archéologique de Délos*, fascículo XXVIII, no prelo

(34). — Cícero, *Brutus*, XVIII, 70. Para a compreensão da opinião de Cícero com referência ao gôsto da época, ver G. Becatti, *Arte e gusto negli scrittori latini*. Florença 1951, pp. 73 ss e o capítulo I. Para o neo-classicismo da pintura na 2a. metade do século II a.C. A. Rumpf, *Malerei und Zeichnung*, Munique, pp. 158 ss.; R. Bianchi-Bandinelli, *Storicità dell'arte classica*, Florença, 1950, pp. 150 ss., p. 189.

ecletismo, característico também da produção literária e científica da época, é uma das conseqüências da especialização e investigação despersonalizada, aspectos desse fenômeno de “objetivação” que, segundo A. Hauser (35) é tendência fundamental da cultura helenística.

Seja como fôr, o papel que desempenhou tal artesanato, na pintura e na escultura, foi de extrema relevância, pois além de servir de termômetro para compulsar as repercussões sociais da arte, atuou como meio de difusão e transmissão de um patrimônio cultural que, de outra forma, com o desaparecimento das grandes obras-primas, não teria chegado até nós.

A atividade dos arquitetos e operários de construção é intensificada quando se começam a implantar os bairros de habitação, no século II a.C. O programa de ereção de edifícios de uso público — pórticos, ágoras, ginásio etc. — deve ter exigido esforço considerável e continuado. A quase totalidade de nossa informação, entretanto, embora rica de pormenores, refere-se aos trabalhos executados para o santuário, pois se trata de contas dos administradores (36).

#### 6). — A mão-de-obra em Delos.

Desde o período da independência (de 314 a 166 a.C.) havia já certo número de estrangeiros estabelecidos em Delos: italianos, egípcios, habitantes de Sidon, Tiro, Arados, Ascalon que aí aportavam atraídos pelas possibilidades do comércio. Sob a dominação ateniense, no século II a.C., tal número não cessou de aumentar. Não é pois estranhável que também a mão-de-obra deliana apresente o mesmo caráter cosmopolita.

(35). — Op. cit., pp. 154 e 157. F. Bourriot, op. cit., p. 231, observa, com fundamento, que, embora seja possível falar-se de especialização ao nível do trabalho artístico, a expressão é imprópria no que se refere a trabalhadores ordinários. O exemplo que aduz vem justamente de Delos. Em 279, para erguer, no santuário, a coluna de um propileu que ruíra, alguns operários providenciaram o material necessário, outro preparou o guindaste, mais outro manejou-o, outros dois prepararam a anastilose que, entretanto, somente um grupo diferente completou; o desmonte do guindaste, finalmente, incumbiu a um novo grupo. Não se trata da especialização que Xenofonte tão entusiasmaticamente defendeu no século IV a.C., “il s’agit de l’émiettement des tâches plus que d’une véritable spécialisation” (ib. p. 232). Tal situação era generalizada em Delos.

(36). — Ver W. Déonna, op. cit., pp. 63 ss. É claro que os vestígios arquitetônicos na ilha são imponentes e importantes (Cf. Ducat-Bruneau, op. cit. pp. 31 ss.) mas não nos esclarecem suficientemente sobre a atividade dos seus construtores. Também faltam informações sobre o trabalho preparatório do material empregado nas construções. Parte vinha da ilha — algum mármore e sobretudo o granito e o gnais; nada sabemos, entretanto, sobre a exploração das pedreiras delianas.

A variedade é grande e não há pròpriamente especializações étnicas, embora para uma ou outra atividade pareça haver certas predominâncias. Assim, temos o nomes de dois mosaistas que trabalharam em Delos: ambos são orientais, Asclepiades de Arados e Anteu de Hierápolis (37); ora, é interessante observar que os mais belos mosaicos de Delos (painéis em **opus vermiculatum**) devem ter sido importados de **ateliers** orientais, como Alexandria e Pérgamo.

Os atenienses sempre contaram com um contingente apreciável de artesãos: das 39 assinaturas de escultores de nacionalidade conhecida, que trabalharam em Delos de meados do século III até princípios do século I a.C., 18, isto é, quase a metade, provêm de Atenas. Os demais são originários de regiões tão variadas quanto Êfeso, Argos, Corinto, Calcedônia, Quios, Heracléia, Magnésia, Halicarnasso, Samotrácia, Cirene, Soloi, Sicione (38). E' difícil saber-se com certeza quais os de passagem por Delos, quais os que aí de fato se instalaram.

A quantidade de trabalhos executados pode ser um critério, frágil entretanto e de difícil aplicação a outras atividades, onde nossa documentação é mais esparsa. Outro critério (também relativo e útil apenas no caso dos escultores) é a presença de pai e filho trabalhando sucessivamente: o fato não é raro, já que o ofício era hereditário, havendo verdadeiras dinastias de escultores (39).

Os comerciantes estrangeiros de Delos freqüentemente se agruparam em associações, sob a égide de uma divindade nacional (40): Heraclistas de Tiro, Posidoniastas, Apoloniastas e Hermaistas latinos, etc. A sede da associação dos Posidoniastas de Béritos, negociantes, armadores e entrepositários sírios que se colocaram sob a proteção de Poseidon, foi identificada ao Norte da ilha; serve de exemplo do que devem ter sido tais estabelecimentos que englobavam as funções de santuário, centro de reunião, bôlsa de comércio e hospedaria (41). Conhecemos ainda corporações como a dos comerciantes em óleo (42) e vinho (43). Nada, entretanto, permite concluir da existên-

---

(37). — W. Déonna, *op. cit.*, p. 83

(38). — V. J. Marcadé, *op. cit.*, *passim*.

(39). — Ver P. Roussel, *op. cit.*, pp. 287-288.

(40). — Roussel, *op. cit.*, pp. 13, 73-74; 271-275.

(41). — Cf. Ch. Picard. "L'établissement des Posidoniastes de Mérytos", em *Exploration archéologique de Délos*, fascículo VI. Paris. 1921.

(42). — Roussel, *op. cit.*, pp. 82, 95 n. 6.

(43). — Roussel, *op. cit.*, pp. 95 n. 6, 274.

cia de semelhantes associações e corporações de artesãos (44). Dedicatórias atestam que também em Delos as artes e ofícios se haviam colocado sob a proteção de Atena Erganê (45). Monumentos a Hefesto-Vulcano (46) seguramente foram dedicados por funileiros e metalúrgicos. Contudo, nenhuma outra inferência pode ser tirada dessas dedicatórias para caracterizar associações artesanais de fundo religioso. Nem se tem notícia, por outro lado, de corporações artesanais. Ignora-se, igualmente, em Delos, a existência de grandes empreendimentos que tenham exigido a um só tempo a participação permanente de corpos estáveis de artífices. As tarefas são sempre limitadas, os contratos são breves, o que amplia as possibilidades de escolha da mão-de-obra. Daí, às vezes, processarem-se verdadeiros rodízios, em associações precárias que se formavam e desfaziam em função de necessidades restritas e precisas: por exemplo, para executar certos serviços de serralheiro e caldeireiro, no templo, Heráclides se associou a Déxios, que mais tarde trabalhou sozinho, antes de ser substituído por Pármenon, a quem sucedeu Sotas, filho de Déxios... (47).

\*

Dois séculos apenas durou a prosperidade de Delos. A alteração por que passou o Mediterrâneo no fim da era pagã e o estabelecimento de relações diretas entre Roma e a Itália diminuem consideravelmente a importância do porto. Solidária com o porto, toda a atividade da ilha entra em rápido declínio na época imperial, tão rápido que o contraste deixou funda impressão no mundo antigo, a ponto de se tornar corrente o trocadilho que, aproveitando uma falsa etimologia da palavra Delos (*δῆλος*: visível) a substituiu por Adelos (*ἀδελος*: invisível).

\*

\* \* \*

---

(44). — Conhecemos ainda associações de escravos (Cf. Roussel, *op. cit.*, p. 82), mas são de natureza puramente religiosa. Aliás, a participação do escravo na manufatura, artesanato e indústria em Delos não está suficientemente conhecida.

(45). — Déonna, *op. cit.*, p. 52.

(46). — Déonna, *op. cit.*, p. 79.

(47). — Déonna, *op. cit.*, p. 78; Ver, ainda, F. Bourriot, *loc. cit.*, p. 231.

## INTERVENÇÕES.

**Do Prof. Raul de Andrada e Silva (F.F.C.L. da U.S.P.).**

Indaga do Autor:

Até que ponto as “máquinas de copiar”, postas em uso no final do século II a.C. pelos artesãos copiadores de obras de pintura, teriam representado uma evolução técnica bastante para modificar o artesato manual?

Se tal modificação chegou a haver, em que sentido social e econômico se operou, que repercussões sociais provocou?

\*

**Do Prof. Ady Ciocci (F. C. Econômicas “São Luís, S. P.).**

Solicita ao Autor esclarecimentos sôbre sua afirmação de que os gregos tinham desprezo pelo trabalho manual, parecendo-lhe, ao contrário, que os gregos tinham desprezo pelo trabalho remunerado.

\*

**Do Prof. Carl Laga (F.F.L.C. de Marília, S. P.).**

Afirmou que era comum dizer-se que em Delos existia um mercado de “escravos” no período helenístico. Pergunta, pois, se essa mão-de-obra — bem numerosa — de escravos (eventualmente *liberti*) não foi aproveitada em alguma cousa na própria ilha, e mais especificamente, naquela intensa atividade construtora nos anos de grande surto de Delos?

\*

**Do Prof. Luiz Pasin (F.F.C.L. de Lorena, S. P.).**

Cumprimenta o Autor pelo trabalho apresentado, dizendo que deveria servir de exemplo aos demais no gênero, pelo rigoroso método científico. Aproveitando a ocasião solicitava a atenção dos participantes do III Simpósio para lançar um apêlo no sentido de que a Associação dos Professores Universitários de História (APUH), tomasse enérgicas providências visando a defesa do nosso patrimônio histórico, que dia a dia vem sendo criminosamente destruído, a maior parte das vêzes com o apôio e o incentivo das nossas autoridades, que nada fazem

em prol da nossa cultura histórica. São necessários as medidas urgentes para a preservação das jazidas arqueológicas, dos nossos arquivos e dos nossos monumentos históricos, a fim de salvarmos as fontes mais importantes para o estudo da nossa História. Sugere que a ANPUH organize um movimento de âmbito nacional a fim de despertar as nossas autoridades para esse problema deveras angustiante, que mutila e impede o desenvolvimento das pesquisas históricas no Brasil.

\*

**Da Profa. Alice Piffer Canabrava (F.C.E.A. da U.S.P.).**

Diz que se a afirmação do Autor, de que para Aristóteles a pessoa que se dedicasse à atividade manual não podia ser cidadão, indaga se isso expressa uma opinião pessoal do filósofo ou se reflete o consenso da sua época. E, ainda, à base da afirmação de Aristóteles, qual a situação dos artesãos, os quais, segundo o Autor da comunicação, eram considerados simples trabalhadores manuais.

\*

\* \*

**RESPOSTAS DO PROF. ULPIANO BEZERRA DE MENESES.**

**Ao Pro. Raul de Andrada e Silva.**

Afirma que houve uma impropriedade na expressão empregada, "máquinas de copiar", pois se tratava meramente de simples engenhos, instrumentos compostos de compassos conjugados (a palavra máquina, portanto, foi a empregada no sentido grego de *mechanê*, por oposição à mão-de-obra).

\*

**Ao Prof. Ady Ciocci.**

Diz que embora o desprezo pela atividade remunerada deva ser levado em linha de conta, acredita ser mais justo dar preeminência ao desprezo pela atividade manual. Parece-lhe bastante significativa uma afirmação de Aristóteles, segundo a qual nenhum trabalhador manual deveria ser cidadão na cidade ideal.

\*

**Ao Prof. Carl Laga.**

Responde que Delos foi, efetivamente, um mercado de escravos. Todavia, a fama da ilha a êsse respeito se deve a uma informação abusiva de Estrabão, que afirma terem os armazéns aí abrigado, por vêzes, até 10.000 escravos, à espera de serem enviados aos seus compradores na Itália. As próprias instalações do pôrto desmentem tal hipótese. Os escravos, naturalmente, participam da atividade industrial e artesanal da ilha. Os documentos que provam tal participação, entretanto, não são muito esclarecedores. Mais interessante são os que nos falam de associações de escravos e libertos, como a dos **Compitaliastas**, encarregados de organizar as **Compitalia**, festas religiosas em honra dos Lares das Encruzilhadas. Muitas das pinturas de altares domésticos foram executadas por escravos e aludem às **Compitalia**.

\*

**Ao Prof. José Luiz Pasin.**

Agradece a intervenção e considera muito oportuna a sua sugestão. Conviria que os interessados se reunissem para combinar uma ação conjunta que pudesse ser oficialmente apoiada pelo Simpósio.

\*

**À Profa. Alice Piffer Canabrava.**

Informa que a afirmação de Aristóteles expressa posição tipicamente grega, embora levada a grau extremo. No que tange aos artistas, como foi assinalado, há certas transformações que se processam posteriormente a Aristóteles. Nem por isso se deixa de confrontar, como antes, o contacto direto com a divindade, a “inspiração” do poeta, cuja obra é a criação (*ποιέω* significa fazer, criar), com o contacto indireto, para a “aprendizagem” do artista, cuja habilidade manual (*Ζέχνη*) pode **manufaturar**; daí seu prestígio inferior.